

## ORIGEM FAMILIAR, PERCURSOS ACADÊMICOS E PROJETOS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E CHINESES

Wivian Weller<sup>1</sup>

Chen Weidong<sup>2</sup>

Lucélia de Moraes Braga Bassalo<sup>3</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

A relação entre pobreza e nível de escolaridade da população, os impactos do aumento dos anos de estudo na obtenção de salários mais altos no setor produtivo, assim como as repercussões do nível de ensino nos padrões de qualidade de vida da população, têm sido apontados por diferentes pesquisadores no Brasil e em outros países (Cacciamali, 2002; Manso, Barreto e Franca, 2010). Da mesma forma, estudos sobre o *background* familiar têm indicado que filhos de mãe com maior nível de escolarização obtêm melhores resultados em testes nacionais do que filhos de mulheres com nível de escolarização menor. Ao mesmo tempo, filhos de pais com escolaridade mais baixa são mais vulneráveis ao atraso escolar e à distorção idade-série (Curi e Menezes-Filho, 2008; Machado e Gonzaga, 2007). A constatação do papel da educação na construção da sociedade levou, tanto no Brasil quanto na China, a ações governamentais voltadas, entre outras, para a ampliação dos anos de escolaridade da população, diminuição das taxas de analfabetismo, da distorção idade-série e para a ampliação do acesso à escola em todos os níveis.

No Brasil, a história da educação é marcada por fluxos desconexos de ampliação da rede e da obrigatoriedade escolar (Romanelli, 1996; Oliveira, 2004; Aranha, 2006;

---

1. Doutora em sociologia pela Freie Universität Berlin, na Alemanha. Professora-associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), sendo vice-diretora desta faculdade na UnB, e bolsista de Produtividade em Pesquisa no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A análise dos dados e elaboração deste artigo contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, bolsa estágio sênior no exterior (2012/2013).

2. Mestre em educação pela Universidade Normal da Capital. Pesquisador-associado no Centro de Pesquisa de Juventude e Infância da China (CYCRC).

3. Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), professora na Universidade Estadual do Pará (Uepa), vinculada à linha de pesquisa "Formação de Professores" do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED). Líder do Grupo de Pesquisa sobre Juventude, Educação e Sociabilidade (JEDS). Assistente de Pesquisa I no Ipea de 2012 a 2013.

Bassalo, 2013, entre outros). A educação superior surge no país somente no século XIX, na forma de faculdades isoladas, inicialmente públicas, seguidas, no final do século, por instituições particulares.<sup>4</sup> Todavia, somente na década de 1930, do século XX, a educação começou a ser tratada como questão nacional com sucessivas reformas, criação de normas, decretos e leis de ensino.

A primeira iniciativa de expansão do ensino superior no país pode ser identificada nas três últimas décadas do século XX, caracterizada pelo aumento de cursos e número de instituições, majoritariamente de natureza privada e com formatos institucionais variados (Martins, 2000). Mais recentemente, a partir dos anos 2000, novos esforços voltados para expansão da educação superior foram responsáveis pela criação de programas e ações voltados tanto para o setor público quanto para o privado, aumentando significativamente o número de matrículas. Na primeira década do novo século as matrículas na educação superior aumentaram em mais de 100%, passando de 3.036.113 (cerca de 3 milhões), em 2001, para 7.037.688 (7 milhões), em 2012 (Inep, 2012). Para a democratização do acesso a este nível de ensino, o governo brasileiro criou em 2004 o Programa Universidade para Todos (Prouni)<sup>5</sup> e reformulou no ano de 2010 o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies).<sup>6</sup> Outro tipo de ação dirigiu-se para a reestruturação e expansão das universidades públicas por meio da criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) em 2007,<sup>7</sup> e do Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) em 2010.<sup>8</sup> Estas ações foram responsáveis pelo aumento do número de universidades públicas federais criadas até 2003. De 45 universidades federais até este ano, passou-se para 63 unidades em 2013.<sup>9</sup>

A preocupação com a expansão da educação superior na China pode ser identificada nos anos 1980 do século XX quando a compreensão de que o país precisava obter uma força de trabalho capaz de fazer frente aos desafios da diversificação, da economia, da velocidade e complexidade das mudanças no setor produtivo, seria alcançada por meio do aumento da escolarização da população. Essa mudança

---

4. Para um aprofundamento sobre a trajetória histórica do ensino superior no Brasil ver, entre outros: Cunha (1989) e Boas (2004).

5. Até julho de 2013 o programa já havia beneficiado 1,2 milhão de estudantes de instituições privadas, com bolsas integrais e parciais. Mais detalhes sobre o Prouni, consultar: Oliven, 2013; Araújo, 2012.

6. Destina-se ao financiamento prioritário de estudantes de graduação de instituições privadas cadastradas no programa, e já atendeu mais de 310 mil estudantes desde 2010. Mais detalhes estão disponíveis em: <<http://goo.gl/OCdcMR>>.

7. Buscando ampliar o acesso e a permanência na universidade, o programa prevê a criação de universidades e ampliação de vagas nas já existentes, tendo em vista a ampliação ou abertura de cursos ofertados à noite, aumento do número de matrículas por professor, redução do custo/aluno, além da flexibilização dos currículos, da ocupação de vagas ociosas e do combate à evasão. Mais informações podem ser acessadas em: <<http://goo.gl/iv7mwh>>.

8. Esta é uma ação que visa garantir a permanência de estudantes de graduação, de universidades públicas e com baixa renda.

9. Dados relativos à expansão das universidades federais podem ser consultados em: <<http://goo.gl/ozgMtl>>. Em 5 de junho de 2013 foi sancionado pela presidência do Brasil a criação de mais quatro universidades federais.

ocorrida nos últimos anos é acompanhada pela elevação do nível de urbanização da China, que fez com que a proporção da população urbana ultrapassasse a cifra dos 50%. Cada vez mais jovens, sobretudo do meio urbano, adquirem a oportunidade de estudar em uma universidade. Na primeira década do novo milênio ocorreu um aumento superior à triplicação das matrículas na graduação, passando de 9.097.300 (cerca de 9,1 milhões), em 2000, para 32.209.760 (32,2 milhões) em 2010 (EIC, 2011). As universidades públicas chinesas não são gratuitas como no Brasil, mas a partir de 1987 programas de apoio financeiro aos estudantes passaram a ser aprimorados e ampliados. Desde 2007, o sistema de concessão de auxílios está organizado em torno de três modalidades principais: bolsas de estudo (*fellowship*), subsídios (*grants*) e créditos bancários (*loans*), favorecendo aos estudantes o acesso e a permanência na educação superior (Yang, 2010; LI, 2007). Além disso, cursos e vagas de graduação foram ampliados graças ao incentivo governamental para que o setor privado atuasse neste nível de ensino (Wang, 2010). Para além dos esforços no aumento da oferta e da qualidade geral da educação, o governo chinês estabeleceu já nos anos 1990 por meio do Projeto 985 a meta de fazer com que as universidades de ponta – entre as quais podemos citar as universidades de Pequim, Nanjing e Xiamen – estivessem em condições de competir com outros centros de ensino, formação e pesquisa de excelência de outros países.<sup>10</sup> Com esta pretensão, estabeleceu como eixo de aceleração e modernização do país o avanço da ciência, da tecnologia e da cultura, pretendendo afirmar a China como uma nação com educação superior de qualidade e competitividade (Weifang, 2004; Gong e LI, 2010; Wang, 2010).

A ampliação do número de vagas nas instituições de educação superior, bem como a diversificação dos tipos de auxílios financeiros para os estudantes, nos dois países, foram responsáveis por uma mudança do perfil socioeconômico dos estudantes, que entraram nas universidades a partir dos anos 2000, composta, majoritariamente, por jovens entre 18 e 24 anos. Sendo assim, se os jovens participantes da pesquisa representam uma geração que, nos dois países, têm pela primeira vez nas suas histórias educacionais um aumento significativo das taxas de acesso à educação superior, estamos diante de questões instigantes: quais são as origens sociais dos estudantes participantes da pesquisa? Mais especificamente: quem são os jovens universitários brasileiros e chineses, no que se refere aos seus antecedentes familiares especificamente quanto à escolaridade e ocupação profissional de seus pais? Desafia também entender as semelhanças ou diferenças entre os estudantes dos dois países no que diz respeito ao curso que fazem atualmente, o que nos leva às seguintes questões: o curso de graduação no qual se encontram representou a primeira escolha no processo seletivo pelo qual passaram? O que os levou a escolher este curso? Gostariam de trocar de curso? Por fim, se são, em comparação à geração

10. Para mais informações sobre o Projeto nº 985 e o conjunto das 39 universidades selecionadas neste programa, ver: <<http://goo.gl/TE1Ek0>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

que os antecederam, privilegiados no que se refere ao acesso à universidade, o que os estudantes gostariam de fazer após a graduação?

Nesse sentido, este capítulo analisa, inicialmente, o contexto familiar dos estudantes considerando a escolaridade e a ocupação dos pais. Em seguida, discute aspectos relacionados à trajetória acadêmica dos estudantes e seus projetos após a conclusão da graduação.

## 2 ORIGEM FAMILIAR DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

A compreensão do *background* familiar dos estudantes contribui, neste momento de expansão em massa da educação superior em ambos países, no sentido de fornecer elementos sobre as origens sociais dos estudantes. Quais são as características relativas à escolaridade dos pais dos universitários? Em que as famílias dos estudantes brasileiros se distinguem das famílias chinesas? Que características são semelhantes em ambos países considerando-se as origens familiares? Assim, nesta seção serão analisados aspectos relativos ao nível de escolaridade, ramo de atividade e situação profissional dos pais e mães dos estudantes.

### 2.1 Escolaridade dos pais brasileiros e chineses

Como já mencionado, a expansão do número de vagas na educação superior trouxe mais jovens para a universidade e introduziu maior diversidade em todos os âmbitos. No que diz respeito ao nível de escolaridade dos pais e das mães dos estudantes universitários podem ser observadas singularidades, conforme a tabela 1.

TABELA 1  
**Nível de escolaridade do pai e da mãe**  
(Em %)

Escolaridade dos pais	Brasil		China	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Analfabeto	0,3	0,3	1,4	1,2
Ensino fundamental incompleto	9,0	9,4	4,3	2,8
Ensino fundamental completo	4,4	5,8	5,2	3,9
Ensino médio incompleto	5,1	5,9	3,8	4,3
Ensino médio completo	28,5	26,5	47,4	42,0
Ensino superior incompleto	7,2	9,8	2,3	4,6
Ensino superior completo	29,3	27,3	28,9	33,4
Pós-graduação	15,3	12,3	3,5	5,7
NR/NS	0,8	2,6	3,2	2,2
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cykra.

Alguns estudos têm apontado que a relação entre o nível de escolaridade dos pais, especialmente da mãe, constitui variável importante no acesso e permanência dos filhos na escola, bem como no ingresso na educação superior (Fiamengue e Whitaker, 2003). No caso das mães brasileiras, observa-se que 44,6% adquiriram um diploma de graduação ou pós-graduação, enquanto que entre os pais dos estudantes, este percentual atinge 39,6%. O percentual de mães e pais com ensino médio completo ou que chegaram a cursar uma graduação sem concluí-la constitui o segundo grupo com maior representatividade, somando 35,7% entre as mães e 37,1% entre os pais dos estudantes. No terceiro grupo, formado por mães e pais que atingiram a escolaridade mínima prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996, encontra-se 9,5% de mães e 11,7% de pais com ensino fundamental completo ou ensino médio incompleto. O quarto grupo, formado por mães e pais com escolaridade inferior ao estabelecido na LDB, representa 9,3% e 9,7% respectivamente.

Na China, o nível de escolaridade das mães e pais também aparece como fator determinante para o ingresso dos filhos na universidade. Contudo, observam-se algumas diferenças quando comparamos com o Brasil. O maior grupo de estudantes chineses possui mães e pais com ensino médio completo ou superior incompleto, representando 49,7% e 46,6% respectivamente. O segundo grupo está constituído por 32,4% de mães e 39,1% de pais com educação superior completa. O terceiro grupo formado por estudantes cujas mães e pais que possuem educação compulsória,<sup>11</sup> apresenta, no caso das mães, percentual semelhante ao do Brasil (9%); pais com escolaridade mínima representam 8,2%, apresentando um percentual de 3,5% abaixo do quantitativo de pais de estudantes brasileiros neste grupo. O último grupo, constituído por mães e pais que não chegaram a concluir a educação compulsória, encontra percentuais abaixo da realidade brasileira, com 5,7% de mães e 4% de pais. Observa-se ainda neste grupo que os percentuais de mães e pais analfabetos (1,4% e 1,2% respectivamente) é maior do que entre os universitários brasileiros (0,3%).

Chama atenção o fato de que a possibilidade de continuidade de estudos na China, seja maior para os pais, tanto no acesso à educação superior (4,6% maior que o número de mães) quanto no prosseguimento dos estudos na pós-graduação (2,2% superior ao das mães). No Brasil a característica é inversa, ou seja, as mães têm maior representação na graduação (2% mais elevada que o número de pais) e na pós-graduação (3% maior que o alcançado pelos pais). Estes dados parecem indicar que as ações relativas à expansão da educação superior nos dois países alcançaram as gerações anteriores e os gêneros de modo diferente: a representatividade

---

11. A escolaridade obrigatória na China é equivalente ao antigo primeiro grau no Brasil, compreendendo oito anos de estudo.

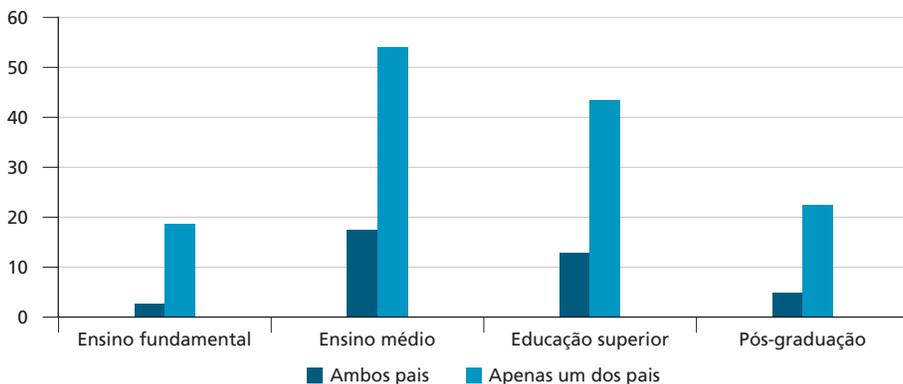
na continuidade de estudos comporta uma diferença de gênero nos dois países concentrando-se nos pais chineses e nas mães brasileiras.

Outras características relevantes são obtidas ao realizar o cruzamento da escolaridade dos pais com o objetivo de verificar o percentual de casais que possuem nível de escolaridade idêntico e casais com nível de formação distinta (gráfico 1).

GRÁFICO 1

**Brasil: casais com o mesmo nível de escolaridade e com formação distinta**

(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

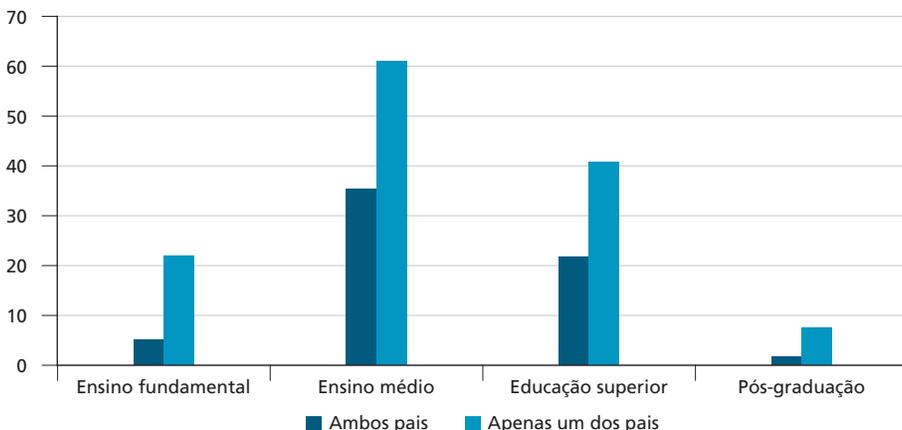
Verifica-se a partir deste cruzamento que o número de casais brasileiros com o mesmo nível de escolaridade é bem inferior ao número de casais com níveis de escolaridade distintos entre si. Cerca de 2,7% dos estudantes universitários pertencem a famílias nas quais ambos os pais possuem apenas o ensino fundamental completo ou incompleto. O outro extremo dos níveis de escolaridade, pais e mães com formação em nível de pós-graduação, também representa uma minoria, perfazendo 5% da amostra. Famílias em que ambos progenitores possuem o diploma de ensino médio ou de graduação representam 17,7% e 12,9% respectivamente. A maioria dos pais e mães dos estudantes universitários brasileiros apresentam nível de escolaridade distintos, com características múltiplas, tais como: pai com ensino médio e mãe com ensino superior, pai com ensino superior e mãe com ensino médio, mãe com ensino superior e pai com ensino fundamental etc. No entanto, os dados não permitem concluir que essa diferença de escolaridade entre casais existia na época em que contraíram matrimônio, ou se após a união tiveram acesso a determinado nível ou abandonaram os estudos. A expansão do ensino superior privado no país, assim como dos cursos supletivos noturnos, fez com que muitos adultos alcançassem uma titulação em outra fase de suas vidas, já que o incentivo à continuidade dos estudos na educação superior, por meio dos

benefícios oferecidos pelos programas governamentais, não faz limitação etária. Pode-se supor que em muitos casos, por vários fatores objetivos e subjetivos, somente um dos parceiros adquiriu diploma de ensino médio ou superior após haver contraído matrimônio ou constituído família. Este nos parece ser um dos possíveis motivos para o baixo número de casais com nível de escolaridade idêntico entre as famílias dos universitários brasileiros desta amostra.

As famílias dos estudantes chineses também apresentam características semelhantes ao Brasil, ou seja, a maioria dos casais possui formação educacional distinta, conforme observado no gráfico 2.

GRÁFICO 2

**China: casais com o mesmo nível de escolaridade e com formação distinta**  
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cyrcra.

Os dados revelam que o percentual de estudantes universitários chineses oriundos de famílias em que ambos pais possuem ensino fundamental completo ou incompleto representa 5% do total da amostra, encontrando-se 2,3% acima da situação identificada no Brasil. Deve-se ressaltar que talvez esta diferença esteja relacionada ao fato de encontrarmos na amostra chinesa um número maior de mães e pais que se dedicam a atividades agrícolas (gráfico 4). No outro extremo da linha de escolarização – mães e pais com pós-graduação – verificamos situação inversa, ou seja, apenas 1,8% dos estudantes chineses vivem em famílias com estas características, permanecendo 3,2% abaixo do Brasil. Na China a expansão da pós-graduação é mais recente do que no Brasil, dado que talvez possa ser tomado como explicação para este fato. No entanto, se analisamos os dados referente ao número de mães e pais com formação idêntica em nível médio ou superior, verificamos que estes percentuais estão bem acima da realidade brasileira: 35,2% dos

casais chineses possuem o ensino médio completo ou incompleto e 21,7% adquiriram um diploma de graduação ou pelo menos ingressaram em uma instituição de educação superior (respectivamente, 17,5% e 8,8% acima da média brasileira). Neste sentido, podemos afirmar que existe menor heterogeneidade entre os casais chineses no que diz respeito à formação educacional.

De modo geral, estas informações revelam que entre os estudantes universitários participantes da pesquisa é inexpressivo o percentual de famílias que não tiveram acesso à escola (anexo A). O sistema universitário em ambos países pouco absorve estudantes que possuem mães e pais com baixa escolaridade. Ainda que se identifiquem diferenças entre a China e o Brasil quanto à escolaridade alcançada pelo pai e pela mãe dos estudantes, a maioria dos casais com mesma escolaridade nos dois países concentra-se entre aqueles que atingiram o ensino médio. Em segundo lugar, também nos dois países estão os casais em que ambos são graduados. A diferença recai sobre a terceira e quarta posição, já que no Brasil estão os casais com pós-graduação e ensino fundamental, respectivamente, e na China essa relação é invertida, vindo em terceiro lugar casais com ensino fundamental e depois casais com pós-graduação.

De modo geral, a análise revela que os universitários participantes da pesquisa representam uma tendência acentuada de ascensão escolar em relação àquela obtida pela geração de seus pais. Em outras palavras, já estão percorrendo um caminho que seus pais, na sua idade, não trilharam.

## **2.2 Situação profissional dos pais brasileiros e chineses**

Buscando compreender a origem social dos universitários brasileiros e chineses, a análise da situação laboral constitui outro aspecto relevante e que contribui para compreender de onde veem os jovens participantes da pesquisa. A tabela 2 apresenta um retrato do setor de atividade econômica dos pais e das mães dos jovens universitários.

Se eliminarmos as alternativas com menos de dez pontos percentuais (p.p.), selecionados pelos universitários brasileiros, pode-se perceber que as mães e pais brasileiros distribuem-se em cinco atividades econômicas claramente definidas: comércio, serviços, educação, administração pública/governo e indústria. Entre as mães brasileiras, a área de educação (16,3%) constitui o principal ramo de atividade, seguido de comércio (15,9%), serviços (14,4%) e administração pública/governo (14,1%). Entre os pais, a ocupação no setor do comércio (19,1%) representa a atividade dominante, seguida de serviços (13,9%), administração pública/governo (13,2%) e indústria (12,4%). A categoria outros, embora selecionada por um número expressivo de estudantes, permanece indefinida. No entanto, aponta para uma diversidade de atividades desenvolvidas pelas mães e pais dos estudantes brasileiros e presentes no mercado de trabalho do país.

Na China, grande parte das famílias atua em ramos de atividade econômica semelhantes aos que receberam maior destaque no Brasil: administração pública/governo, serviços, educação e indústria representam os principais campos de atividade. Entre as mães chinesas, a principal atividade econômica é serviços (17,7%), seguida de educação (12,9%) e administração pública/governo (10,8%). Quando se considera o pai, a ocupação administração pública/governo (14,9%) aparece como dominante, seguida de serviços (11%) e indústria (10%). Entre os universitários chineses, um percentual significativo também assinalou a opção outros ramos de atividades, apontando a existência de um mercado de trabalho mais extenso e complexo.

TABELA 2  
Setor de atividade econômica do pai e da mãe  
(Em %)

	Brasil		China	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Administração pública/governo	14,1	13,2	10,8	14,9
Educação	16,3	3,3	12,9	8,3
Pesquisa e desenvolvimento	0,8	1,0	1,4	3,3
Saúde	7,7	2,7	4,9	3,0
Militar/segurança pública	0,9	8,4	1,3	3,7
Indústria	3,8	12,4	6,0	10,0
Agropecuária	0,5	2,6	6,3	5,6
Serviços	14,4	13,9	17,7	11,0
Comércio	15,9	19,1	8,2	9,2
Construção	0,9	4,4	2,5	7,9
Extrativa/mineral	0,0	0,2	0,8	1,6
Outros	20,4	13,2	26,3	21,0
NR/NS	4,3	5,0	0,7	0,5
Anulado	0,1	0,6	0,0	0,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

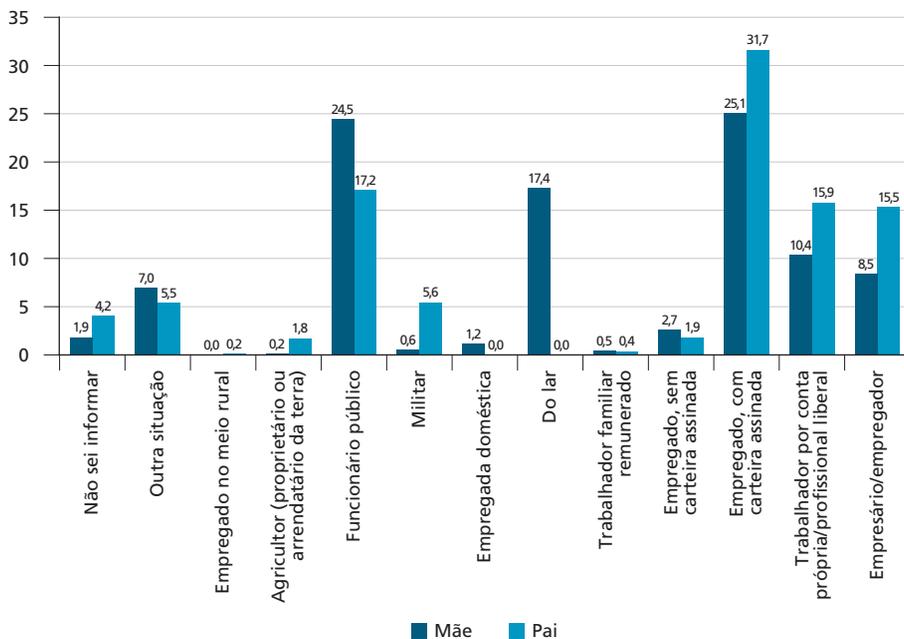
Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cykra.

Deve-se destacar que ao compararmos alguns ramos de atividade selecionadas pelos estudantes chineses com a realidade brasileira, observa-se que o percentual de homens atuando no campo da educação é bastante superior na China, representando 8,3% e somente 3,3% no Brasil, em que a área educacional, atualmente, é majoritariamente um campo de trabalho das mulheres. O setor industrial parece favorecer mais as mães chinesas do que as mães brasileiras (6,0% e 3,8% respectivamente) e o mesmo ocorre com o setor de serviços (17,7% e 14,4% respectivamente). No entanto, é preciso levar em conta que estes dados refletem apenas a realidade das famílias de estudantes universitários. Outras comparações seriam necessárias para

uma melhor compreensão dessas diferenças relacionadas, sobretudo, às profissões no campo da educação e da indústria.

Outro aspecto levantado na pesquisa com o objetivo de conhecer melhor o contexto familiar e socioeconômico dos jovens que estão na educação superior diz respeito à situação profissional das mães e pais. Neste item, as diferenças entre os sexos tornam mais visíveis quando são considerados os tipos de ocupação profissional.

GRÁFICO 3  
Brasil: situação profissional dos pais  
(Em %)



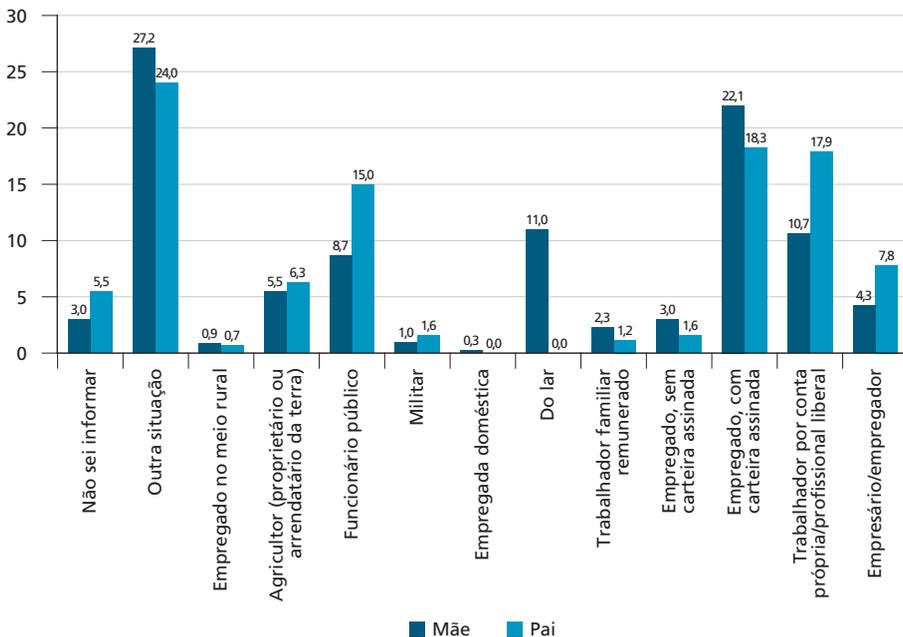
Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

No Brasil, a maioria dos estudantes informou como ocupação profissional da figura paterna a seguinte situação: empregado com carteira assinada, totalizando 31,7%, funcionário público, equivalente a 17,2%, profissional liberal ou trabalhador por conta própria com 15,9% e empresário ou empregador, perfazendo 15,5%. Deve-se observar que é inexpressiva a quantidade de filhos de pai empregados no meio rural. A ocupação de agricultor (proprietário ou arrendatário da terra) também apresentou baixos percentuais, chegando a 1,8%. Pais que exercem trabalho familiar remunerado ou que estão empregados sem carteira assinada também representam uma minoria entre as famílias dos estudantes universitários, respectivamente 0,4% e 1,9%.

A situação profissional das mães brasileiras apresenta duas alternativas que não foram citadas pelos pais por se tratarem de ocupações associadas, frequentemente, ao universo feminino no Brasil. Trata-se das empregadas domésticas, com 1,2% de representatividade na amostra, assim como daquelas declaradas como do lar, que alcançou a terceira posição entre as ocupações mais frequentemente exercidas pelas mães dos estudantes universitários, compreendendo 17,4%. Em primeiro e segundo lugar aparece, para as mães brasileiras, as ocupações: empregada com carteira assinada com 25,1% e funcionária pública equivalente a 24,5%. Entre os participantes da pesquisa, nenhum era filho de mãe empregada no meio rural, e ainda, as ocupações de agricultora (0,2%), trabalhadora familiar remunerada (0,5%) ou militar (0,6%) também são pouco comuns entre as mães dos estudantes universitários.

De certa forma, a situação profissional dos pais e mães dos estudantes chineses é semelhante aos dados obtidos na pesquisa realizada no Brasil, como podemos observar no gráfico 4.

GRÁFICO 4  
**China: ocupação dos pais**  
 (Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cyrcs.

Entre os pais dos estudantes chineses, o item outra situação obteve o maior número de respostas, apontando novamente para uma diversidade de profissões e situação laboral. Entre as ocupações mais indicadas encontram-se: empregado com

carteira assinada (18,3%), profissional liberal ou trabalhador por conta própria (17,9%) e funcionário público (15%). Pais empregados no meio rural também estão sub-representados na amostra (0,7%). Porém, se considerarmos a ocupação agricultor (proprietário ou arrendatário da terra) os percentuais sobem para 6,3% e são três vezes maiores que no Brasil. Pais desenvolvendo trabalho familiar remunerado (1,2%) ou empregado sem carteira assinada (1,6%) também representam uma absoluta minoria entre os estudantes universitários chineses.

Semelhante às respostas sobre a situação profissional de seus pais, os estudantes chineses também apontaram que 27,2% de suas mães encontram-se em outra situação profissional não especificada no questionário. Na segunda posição, com 22,1%, aparece a opção empregada com carteira assinada. Entre os estudantes chineses, também é diminuta a representação de progênitos de empregada doméstica (0,3%), empregada do meio rural (0,9%) e militar (1,0%).

Os dados citados parecem estar relacionados à mudança identificada nos últimos anos na China, sobretudo com a elevação do nível de urbanização do país como apontado anteriormente. Assim, pode-se identificar o aumento da frequência de estudantes universitários de origem urbana, enquanto que o percentual de egressos de famílias camponesas está diminuindo. Deve-se ressaltar ainda que a desigualdade no desenvolvimento campo-cidade reflete-se na qualidade da educação, já que a educação ofertada no meio urbano geralmente é de melhor qualidade do que a oferecida no campo. Neste sentido, alunos camponeses encontram-se em desvantagem quando comparados àqueles que estudaram na cidade.

Somente 8,7% das mães chinesas encontram-se atuando no setor público, valor percentual bem abaixo dos dados sobre o sexo oposto (15% dos pais chineses) e também três vezes menor que o de mães brasileiras com essa profissão. Já em relação à função do lar, observa-se uma situação inversa, ou seja, mais mães brasileiras (17,4%) do que chinesas (11%) desempenham exclusivamente esta atividade. As trabalhadoras por conta própria ou profissionais liberais ocupam posição semelhante em ambos países, equivalendo a 10,7% na China e 10,4% no Brasil. Mas se comparado ao sexo oposto, o percentual de mães nesta situação é bem inferior ao percentual de pais chineses, com 17,9% conforme indicado acima.

A maioria dos estudantes brasileiros e chineses não cresceu em lares com ocupações relacionadas à agricultura, ao trabalho familiar remunerado, ao emprego doméstico, ao emprego no meio rural ou ao emprego sem carteira assinada, revelando que ocupações com baixo retorno financeiro possuem baixa representatividade entre os estudantes universitários em ambos países.

### 3 PERCURSOS ACADÊMICOS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

No Brasil, apesar de algumas universidades já adotarem o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)<sup>12</sup> como exame de admissão, o vestibular<sup>13</sup> ainda representava a principal forma de ingresso nas universidades em 2012, ano em que a pesquisa foi realizada. A disputa por uma vaga em cursos de alto prestígio pode chegar a uma média de oitenta a cem candidatos por vaga. Entre os cursos mais concorridos em universidades públicas brasileiras encontram-se: medicina, direito e relações internacionais (Weller, 2008). Outros cursos de prestígio, por exemplo da área de exatas, são menos disputados em função do grau de dificuldade associado a estes cursos e ao baixo desempenho de grande parte dos estudantes do ensino médio nas disciplinas de matemática, física e química. Jovens decididos a ingressar em um curso com um alto grau de dificuldade no ingresso costumam frequentar cursinhos preparatórios para os vestibulares das melhores universidades brasileiras. Alguns estudantes só conseguem ingressar no curso pretendido após a quarta ou quinta tentativa, ou seja, dois a três anos após o término do ensino médio (Weller e Pfaff, 2012). Outros optam por ingressar no curso desejado em uma universidade particular, já que o número de concorrentes costuma ser menor e as possibilidades de ingressarem nos cursos pretendidos sem a necessidade de realizarem cursinhos pré-vestibulares é maior (Ojala, 2008).

A porta de entrada para a universidade na China é determinada por um exame nacional ao final do 12º ano escolar denominado *gaokao*, que foi reestabelecido no sistema educacional chinês no ano de 1977 (Kinglun, 2008). O exame começou a ser elaborado no ano de 1952 e é considerado o primeiro exame educacional padronizado do mundo (cf. MUTHANNA; SANG, 2016). Sua primeira implementação ocorreu entre os anos 1959 a 1966. A possibilidade de escolha da universidade e do respectivo curso está vinculada à nota obtida no exame. Neste sentido, para muitos estudantes, o ingresso em uma universidade de excelência começa a ser planejado pelos pais e mães desde a infância. Apesar da expansão das vagas na educação superior, a disputa pelo ingresso nas melhores universidades favorece estudantes que puderam usufruir de cursos complementares ou aulas particulares, fenômeno denominado por Mark Bray como *shadow education* (Bray, 2007). Situação semelhante também ocorre no Brasil por meio de cursinhos pré-vestibulares ou preparatórios para o Enem organizados pelo setor privado. O modelo de educação centrado em exames, apesar das críticas

---

12. O Enem, criado em 1998, passou a ser utilizado a partir de 2009, como mecanismo de seleção para o ingresso no ensino superior, além de avaliar o desempenho dos estudantes brasileiros ao final da educação básica. Com a reformulação constituiu-se em uma estratégia de democratização das oportunidades de acesso às vagas oferecidas por instituições federais de ensino superior (Ifes).

13. O exame vestibular começou a ser aplicado, no Brasil, em 1911, como forma obrigatória para a entrada no ensino superior. Atualmente, o ingresso nas universidades, dado o princípio da autonomia, pode ser feito de diferentes formas, que inclui o vestibular.

que vêm sofrendo, entre outros, de estar limitando o espaço para a criatividade e desenvolvimento do pensamento crítico das futuras gerações, parece estar longe de ser abandonado ou substituído por outras formas de ingresso na educação superior em ambos os países (Kirkpatrick e Zhang, 2011).

### 3.1 Motivos para a escolha do curso

Diante da constatação de que os jovens universitários participantes da pesquisa representam uma geração com relevante ascensão escolar em suas famílias e que são filhos de pais e mães com relativo grau de estabilidade profissional/ocupacional e de retorno financeiro, passa-se nesta seção a analisar seus posicionamentos quanto ao curso de graduação ao qual estão vinculados. Quais são as expectativas dos estudantes em relação à formação profissional e que fatores foram determinantes na escolha dos respectivos cursos? Os jovens estão satisfeitos com as escolhas realizadas?

A questão referente aos motivos que levaram os estudantes a optar pelo respectivo curso foi elaborada de forma que pudessem indicar até três itens, sem a necessidade de atribuir uma ordem de prioridade entre estes. Deste modo, entre os principais motivos indicados para a escolha do curso observam-se, nos dois países, poucas diferenças entre os sexos feminino e masculino (tabela 3).

TABELA 3  
**Motivos para a escolha do curso de graduação**  
(Em %)

Motivos	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Influência da família	10,3	9,9	33,3	24,7
Mais oportunidades profissionais	40,0	47,9	30,4	27,9
Por gosto	71,1	67,1	34,6	47,7
Confere prestígio	6,6	8,3	6,1	6,9
Porque proporciona segurança de emprego	7,7	10,0	17,5	10,6
Vantagens econômicas	7,4	15,2	3,4	5,3
Profissão de importância para a sociedade	29,4	22,6	16,9	18,5
Já tinha trabalhado em áreas afins	6,6	7,3	0,7	1,4
Parte dos meus amigos também o escolheu	0,9	1,4	3,8	2,5
Permite que eu trabalhe	5,2	4,2	1,2	1,6
É o curso que eu posso pagar	2,6	2,2	2,6	1,9
Facilidade no vestibular	2,7	2,6	14,3	10,2

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

Gosto pela profissão, maiores oportunidades profissionais e importância da respectiva profissão para a sociedade foram os motivos mais indicados pelos jovens universitários brasileiros. Entretanto, observam-se algumas diferenças entre as opções assinaladas por ambos os sexos: gosto pela profissão e importância desta para a sociedade foram opções que alcançaram um percentual mais elevado entre estudantes do sexo feminino do que masculino (71,1% *versus* 67,1% e 29,4% *versus* 22,6%). Mais oportunidades profissionais e vantagens econômicas apresentaram percentual maior entre estudantes do sexo masculino do que feminino, com 47,9% *versus* 40,0% para o primeiro item e 15,2% *versus* 7,4% para o segundo aspecto. Outros motivos com cerca de 10% de representatividade na amostra para ambos os sexos estão relacionados à influência da família (10,3% sexo feminino *versus* 9,9% sexo masculino) e segurança no emprego (7,7% sexo feminino *versus* 10,0% sexo masculino).

Entre os estudantes chineses, os motivos mais apontados foram gosto pela profissão, mais oportunidades profissionais e influência da família. Porém, quando o sexo é considerado, há uma inversão entre os quesitos mais escolhidos, ainda que estudantes do sexo feminino (34,6%) e do masculino (47,7%) representem os maiores percentuais quando o aspecto é gosto pela profissão. O item mais oportunidades profissionais e influência da família concentrou maior número de estudantes do sexo feminino, respectivamente 30,4% e 33,3%, do que estudantes do sexo masculino, com 27,9% e 24,7%. Contudo, foram os universitários do sexo masculino que alcançaram percentual mais alto quando o tópico foi profissão de importância para a sociedade (18,5% sexo masculino e 16,9% sexo feminino), enquanto que segurança no emprego foi um item que concentrou mais escolhas do sexo feminino (17,5% sexo feminino e 10,6% sexo masculino).

Pode-se observar que entre os estudantes dos dois países prepondera como principal motivo o gosto pela profissão, seguido como segundo item a possibilidade de obter mais oportunidades profissionais. Contudo, há diferenças quanto à terceira opção mais selecionada. Entre os universitários brasileiros os percentuais concentraram-se sobre a opção profissão de importância para a sociedade, enquanto que entre os estudantes chineses o terceiro item recaiu na influência da família. Esta diferença também se observa entre o item menos escolhido pelos estudantes. Já tinha trabalhado em áreas afins foi a opção menos escolhida pelos jovens chineses, enquanto que o motivo que indica a influência da escolha dos cursos dos amigos foi a menos escolhida pelos estudantes brasileiros.

### 3.2 Grau de satisfação e desejo de mudança de curso

Considerando-se as respostas dos estudantes à questão sobre estarem ou não em um curso de graduação relacionado à sua primeira escolha no momento em que decidiram cursar uma graduação, chama-nos atenção o fato de cerca de

74% dos estudantes brasileiros, de ambos os sexos, haverem ingressado no curso que representou sua primeira escolha. Entre aqueles que não obtiveram sucesso, ou seja, que acabaram optando por outro curso após algumas reprovações em vestibulares, encontram-se 15,3% de estudantes do sexo feminino e 12% do sexo masculino. Observa-se ainda que 8,4% dos estudantes do sexo feminino e 12,4% do sexo masculino abandonaram o curso inicial e optaram por buscar uma nova formação. Somando-se estes dois últimos grupos no conjunto das seis universidades que compõem a amostra no Brasil, deparamo-nos com cerca de 24% de estudantes universitários de ambos os sexos que apresentam uma trajetória não linear entre a conclusão do ensino médio e a educação superior. Estes jovens, em algum momento de sua formação (no ensino médio ou posteriormente), encontraram dificuldades que os impediram de ingressar no curso desejado ou passaram por momentos de revisão de seus projetos biográfico-profissionais que os levaram a mudar de curso.

TABELA 4  
Primeira escolha no vestibular  
(Em %)

	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Sim	74,4	74,2	67,7	74,8
Não, já tentei ingressar em outro(s) curso(s) sem sucesso	15,3	12,0	23,4	16,7
Não, já cursei outro(s) curso(s) sem chegar a concluí-lo(s)	8,4	12,4	6,4	4,2
Não, já concluí outro(s) curso(s) de graduação	1,6	1,2	1,3	2,2
NR	0,3	0,3	1,2	2,0
Anulado	0,1	0,0	0,0	0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cygra.

Semelhante à situação brasileira, a maioria dos universitários chineses afirmou encontrar-se no curso de graduação que representou a primeira escolha, sobretudo os estudantes do sexo masculino, que revelaram um percentual maior do que do sexo feminino (respectivamente, 74,8% e 67,7%). Entre aqueles que não obtiveram êxito, ou seja, que não ingressaram no curso pretendido, o percentual de mulheres (23,4%) é maior que dos homens (16,7%). Pode-se identificar ainda um percentual inferior a 10 p.p. entre aqueles que abandonaram um curso de graduação antes de cursar a graduação atual, sendo 6,4% para o sexo feminino e 4,2% para o sexo masculino. Ao reunir estes dois últimos grupos, verificamos que 26,5% dos estudantes chineses encontram-se frequentando um curso de graduação distinto da formação profissional pretendida antes do ingresso na universidade.

Apesar de a maioria dos estudantes brasileiros não demonstrar interesse em mudar de curso, observa-se um percentual maior de estudantes do sexo feminino dispostos a mudar de curso caso tivessem a oportunidade. Esta diferença explica-se, em parte, pelos dados apresentados na tabela 4, que registrou um percentual mais elevado de estudantes do sexo masculino que já realizaram uma mudança de curso. Ainda que não estejam matriculadas no curso desejado, as jovens mulheres parecem encontrar-se diante de determinadas barreiras que as impedem de tomar esta decisão. É possível que se sintam mais pressionadas por suas famílias a concluir a graduação iniciada do que os rapazes; outros motivos podem estar relacionados às taxas cobradas em universidades particulares para os cursos de maior prestígio ou à dificuldade de realização de um novo vestibular para o curso pretendido.

TABELA 5  
Mudança de curso  
(Em %)

Trocar de curso	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Sim	18,1	14,8	38,7	25,4
Não	81,3	85,1	60,3	72,5
NR/NA	0,6	0,2	1,0	2,2
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cyra.

Na China, a maior parte dos estudantes, tanto do sexo feminino quanto do masculino também não manifestou interesse em trocar de curso, conforme dados da tabela 5. Semelhante aos dados encontrados no Brasil, as mulheres chinesas representam o maior grupo de estudantes que trocava de curso se tivesse a oportunidade. Essa afirmação corrobora o padrão apontado na tabela 4, em que a maior parte dos estudantes que já cursou outra graduação é representado pelas estudantes do sexo feminino, além de serem estas também as que já tentaram o ingresso, sem sucesso, em outro curso.

Deve-se ressaltar que na China o modelo de organização familiar e o peso de uma cultura de mais de 4 mil anos tornam as decisões sobre a escolha do curso superior mais complexas do que no Brasil. Neste sentido, é comum que a primeira opção de muitos jovens universitários resulte de uma decisão do coletivo familiar, sem corresponder, necessariamente, aos interesses e motivações do estudante. Como o peso da escolha dos pais manifesta-se e leva em consideração a profissão e o futuro do filho ou da filha, observa-se nos dados desta pesquisa que um grupo significativo de universitários descobrem, após o ingresso na universidade, que o curso escolhido não corresponde às expectativas individuais ou de realização

profissional. No entanto, encontrar um trabalho digno e com salário estável constitui um aspecto importante para os universitários e suas famílias, haja visto que as taxas de desemprego entre jovens com educação superior completa também estão aumentando na China.<sup>14</sup>

Em ambos os países, os estudantes do sexo masculino estão mais satisfeitos com o curso que escolheram, ainda que o percentual seja mais representativo entre os estudantes brasileiros. O número de mulheres interessadas em trocar de curso é maior do que o número de homens em ambos países. No entanto, o percentual de estudantes chinesas que gostaria de trocar de curso chega a ser mais do que o dobro do percentual encontrado entre as estudantes brasileiras (respectivamente, 38,7% e 18,1%). Os dados da tabela 5 apontam um viés de gênero que atinge as mulheres e homens de modo diferente nos dois países, sobretudo entre os estudantes que não conseguiram ingressar no curso pretendido.

#### **4 PROJETOS DE ESTUDANTES BRASILEIROS E CHINESES APÓS A CONCLUSÃO DA GRADUAÇÃO**

A noção de projeto – como concebida por Alfred Schütz – indica uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, que, por sua vez, está relacionada ao “campo de possibilidades” que uma pessoa ou grupo dispõe para colocá-las em prática (Schütz, 1979; Velho, 1994). A busca por formação especializada e obtenção de um diploma de graduação podem ser descritas como uma conduta organizada por meio da qual o estudante espera ingressar no mercado de trabalho, no caso dos que se dedicam exclusivamente aos estudos. Para os que já estão trabalhando, o curso superior pode representar uma possibilidade de mudança de emprego ou de progressão funcional e melhores salários.

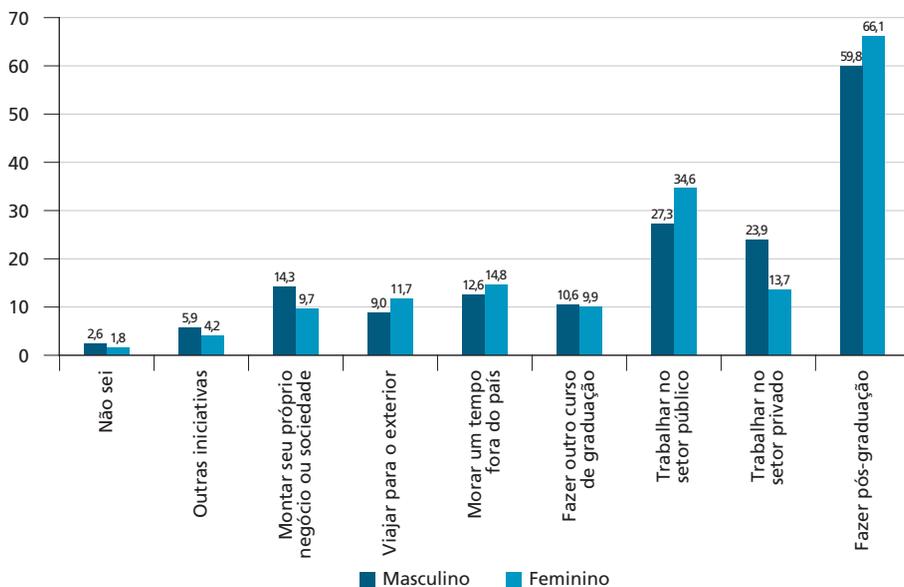
A questão relativa aos projetos dos estudantes após a conclusão da graduação indicava a possibilidade de escolha de até dois itens, sem a necessidade de atribuição de uma ordem de prioridade entre estes, que podem ser observados no gráfico 5 e 6.

No Brasil, chama atenção o número de estudantes que indicaram o prosseguimento dos estudos, uma vez que 66,1% das mulheres e 59,8% dos homens pretendem ampliar sua formação por meio de um curso de pós-graduação. A segunda opção mais escolhida, respectivamente, por universitários do sexo feminino e masculino foi trabalhar no setor público (34,6% e 27,3%), seguida das opções trabalhar no setor privado (13,7% e 23,9%), montar um negócio próprio (9,7% e 14,3%) e dedicar-se a outras iniciativas (4,2% e 5,9%). Também foram sinalizadas outras perspectivas, como morar um tempo fora do Brasil (14,8% e 12,6%) ou somente viajar para o exterior (11,7% e 9,0%).

14. Segundo dados do CYCRC a taxa de desemprego entre jovens com nível superior completo superou a cifra de 7 milhões de pessoas em 2013.

Apesar do trabalho no setor público ter sido a opção mais indicada, tanto entre estudantes do sexo feminino quanto masculino, os jovens rapazes parecem sentir mais segurança em relação à construção da carreira profissional no setor privado ou montando um negócio próprio. As jovens mulheres parecem estar preocupadas com outras situações que viverão no futuro, por exemplo a segurança de que após uma licença maternidade poderão retornar aos seus postos de trabalho. Os salários oferecidos no setor privado parecem não compensar a segurança e outros benefícios oferecidos pela carreira pública, mesmo que muitas funções neste setor dificilmente conduzirão a cargos de direção ou posições de maior prestígio.

GRÁFICO 5  
 Brasil: projetos após a conclusão da graduação  
 (Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cyrc.

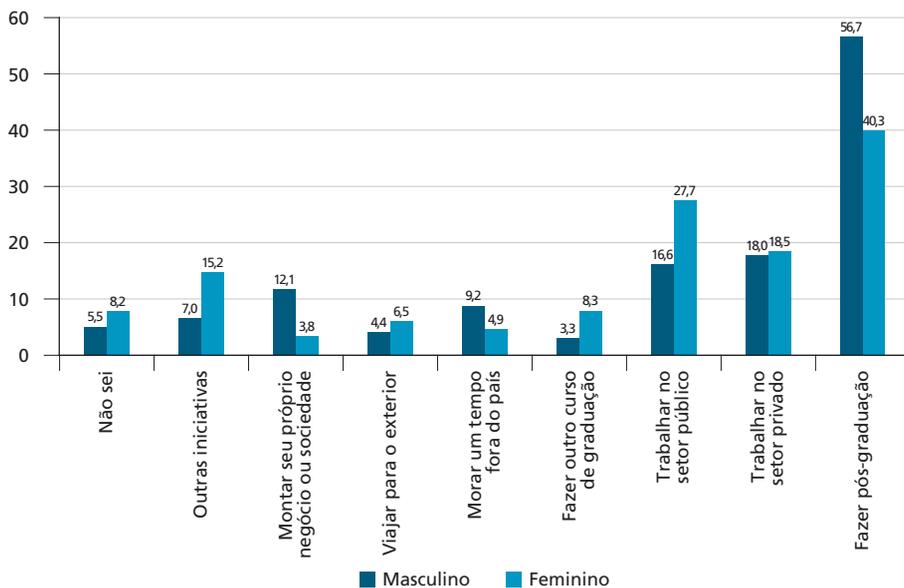
Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%.

Com relação à perspectiva de morar um tempo em outro país ou simplesmente viajar para o exterior, observa-se entre as estudantes do sexo feminino maior interesse do que entre o sexo oposto. No entanto, estas opções parecem depender da variável trabalho, ou seja, a conquista da autonomia financeira antecede o desejo ou projeto de morar fora ou simplesmente viajar. A realização de um outro curso de graduação para os estudantes obteve, respectivamente, 9,9% e 10,6% de indicações, e parece não mais constituir uma prioridade. De uma forma geral, os jovens parecem estar conscientes de que os novos tempos apontam para a necessidade de prosseguimento dos estudos em nível de pós-graduação.

Entre os estudantes chineses pode-se identificar que a opção fazer pós-graduação foi a mais escolhida. Esta alternativa foi predominantemente indicada, tanto por estudantes do sexo masculino (56,7%) quanto por estudantes do sexo feminino (40,3%). Em segundo lugar aparece o item trabalhar no setor público, para 27,7% das universitárias e 16,6% dos universitários, seguido de trabalhar no setor privado (18,5% das estudantes e 18,0% dos estudantes), inserir-se em outro tipo de iniciativa (15,2% de jovens do sexo feminino e 7,0% de jovens do sexo masculino) e montar seu próprio negócio ou sociedade (12,1% dos estudantes do sexo masculino e 3,8% do sexo feminino). Outras perspectivas como morar um tempo fora do país, fazer outro curso de graduação e viajar para o exterior foram pouco escolhidas pelos estudantes. Entretanto mais universitárias chinesas (diferença de 5 p.p.) escolheram a opção fazer outra graduação, reafirmando o indicado na tabela 3, e viajar para o exterior. Porém os estudantes do sexo masculino são o maior grupo (9,2%), quando a opção é morar fora do país.

As escolhas dos estudantes chineses podem ser observadas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 6**  
**China: projetos após a conclusão da graduação**  
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cyra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%.

Assim, vemos que entre os estudantes chineses e brasileiros há uma marca geracional relativa à valorização da obtenção de alta titulação representada pelo predomínio da escolha da alternativa fazer pós-graduação. Entretanto, podem ser observadas ainda que entre as opções não relacionadas diretamente à inserção no mercado de trabalho, como fazer outra graduação, morar fora do país ou viajar pelo exterior, são opções mais escolhidas por universitários brasileiros que atingem mais de 10 p.p. do que pelos chineses.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem poucas informações sobre a influência da origem escolar e familiar nas escolhas acadêmicas e projetos de futuro dos estudantes, sobre aspectos que são levados em consideração no momento da escolha do curso e da respectiva profissão. De uma forma geral, nossas universidades também não costumam avaliar o grau de satisfação dos estudantes com seus respectivos cursos. Aspectos da vida cotidiana dos estudantes universitários, o envolvimento em projetos ou atividades acadêmicas e não acadêmicas que extrapolam o contexto da sala de aula, também são pouco conhecidos e estudados nas pesquisas sobre educação superior. Neste sentido, este artigo buscou suprir esta lacuna e levantar questões para futuros estudos e reflexões.

### 5.1 Origem familiar dos estudantes brasileiros e chineses: breve análise

Até aqui vimos que o nível de escolaridade e situação profissional dos pais dos participantes da pesquisa apresentam – tanto no Brasil quanto na China – características que favorecem o acesso à universidade. Pode-se identificar o baixo número de estudantes filhos/as de pais analfabetos ou com escolaridade mínima, assim como são poucos, também, aqueles que descendem de famílias cujos pais encontram-se empregados de forma precária, por exemplo trabalhando sem carteira assinada. O oposto também é verdadeiro, ou seja, entre os participantes da pesquisa identificou-se um número significativo de estudantes que pertencem a famílias com pais atuando em empregos que oferecem maior estabilidade no mercado de trabalho e melhores salários.

Além disso, deve-se ressaltar que os/as jovens, em sua maioria, representam uma geração com alta ascensão escolar. Possivelmente essas características influenciem outros tipos de oportunidades e encaminhamentos da vida do/a universitário/a, relacionadas a seus percursos e projetos para o futuro.

### 5.2 Percursos acadêmicos e projetos após a conclusão da graduação

A pesquisa realizada de forma comparativa com jovens entre 18 e 24 anos apontou semelhanças e diferenças entre aqueles que se deparam com mudanças e desafios em relação ao futuro profissional. Ofereceu ainda *insights* sobre as futuras elites que estão sendo formadas nas universidades brasileiras e chinesas.

Pode-se afirmar que os participantes da pesquisa demonstraram ter uma postura de valorização dos estudos após a graduação. A maioria, nos dois países, elencou a continuidade dos estudos, mesmo que entre os chineses, em que a pós-graduação é uma alternativa recente, o percentual seja menor que entre os brasileiros. Parece que as ações dos governantes dos dois países ecoaram entre esta geração de jovens, de modo que a continuidade de estudos após a graduação seja um projeto identificado pela maioria dos estudantes participantes da pesquisa, o que reafirma sua distinção relativa ao seu *background* familiar e os marca como geração que é a maior na história dos dois países a ter acesso à educação superior.

É marcante também a preocupação com a estabilidade profissional após a graduação. Nos dois países um percentual significativo de estudantes informou que pretende inserir-se no mercado de trabalho, seja no setor público, seja no privado. Entre estes, a estabilidade oferecida pelo setor público parece ser uma preocupação importante, já que foi a segunda opção mais escolhida nos dois países.

Entre as jovens brasileiras, a opção pela continuidade de estudos ou por morar um tempo fora do país apresentou valores percentuais mais altos que entre as jovens chinesas e tendência semelhante pode ser observada entre estudantes brasileiros e chineses do sexo masculino. Também no que se refere a viajar para o exterior, mais estudantes brasileiras do que chinesas incluíram esta opção como parte de seus projetos de futuro; jovens rapazes brasileiros também constituíram, percentualmente, um grupo maior que seus colegas chineses. Projetos envolvendo recursos financeiros, por exemplo uma longa viagem ao exterior ou até mesmo morar fora do país por um tempo, parecem não estar ao alcance de grande parte dos estudantes.

Parece-nos, portanto, que a imagem de que a juventude é apenas uma faixa etária ou uma fase da vida tende a negar o seu presente, suas pretensões e projetos. Segundo Leccardi (2005, p. 35), o “presente não é apenas uma ponte entre o passado e o futuro, mas a dimensão que prepara o futuro”. Entendida como grupo geracional de uma dada sociedade, pode-se localizar continuidades e descontinuidades entre as gerações e as formas de interlocução que se estabelecem no sentido da transmissão, aceitação, resistência ou negação de significados que circulam em determinado contexto, identificando diferenças e similaridades entre jovens de uma mesma geração (Pais, 1993). Estudos sobre estudantes universitários podem contribuir para uma melhor compreensão das semelhanças e diferenças existentes entre o Brasil e a China. Conhecer o perfil dos estudantes universitários e compreender suas demandas torna-se essencial para o avanço das propostas de expansão e internacionalização das universidades nos países que integram Brazil, Russia, India, China and South Africa (BRICS). Ao mesmo tempo demonstrou-se ao longo do texto que o trânsito entre as gerações, seja no sentido do grau de escolaridade obtido, seja no tocante às pretensões para o futuro, possibilita lidar com ideias e valores de gerações anteriores, viabilizando a elaboração de novos significados, delineados aqui como aumento dos anos de estudo e da inserção laboral ou em outras atividades.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A. **História da educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARAÚJO, A. A. Access to higher education in Brazil with reference to Prouni. **Higher Education Studies**, v. 2, n. 1, p. 32-37, mar. 2012.
- BASSALO, L. M. B. Toda pessoa que tiver a seu cargo meninos é obrigada a dar-lhes a instrução. *In*: VIDAL, D. G.; SÁ, E. F.; SILVA, V. L. G. **Obrigatoriedade escolar no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.
- BOAS, S. V. **Ensino superior particular um voo histórico**. São Paulo: Editora Segmento, 2004.
- BRAY, M. **The shadow education system**: private tutoring and its implications for planners. Paris: Unesco; International Institute for Educational Planing, 2007.
- CACCIAMALI, M. C. Distribuição de renda no Brasil: persistência do elevado grau de desigualdade. *In*: PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S.; **Manual de economia**, 2. ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.
- CUNHA, L. A. **A universidade temporá**: o ensino superior da colônia a era Vargas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- CURI, A. Z.; MENEZES-FILHO, N. A. The relationship between school performance. *In*: INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK. **The quality of education in Brazil**: final report. São Paulo: Instituto Futuro Brasil; Escola de Economia de São Paulo-Fundação Getúlio Vargas, 2008.
- EIC. **Key China education statistics for international educators**. A report for EIC Group China partners. [s.l.], Nov. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/iAZmoy>>. Acesso em: 22 jul. 2013.
- FIAMENGUE, E. C.; WHITAKER, E. D. C. A. Instrução superior e profissionalização feminina: as mães dos vestibulandos Vunesp e suas influências sobre as escolhas dos filhos (anos 80 x anos 90). **Revista brasileira de orientação profissional**, v. 4, n. 1-2, p. 117-139, 2003. Disponível em: <<http://goo.gl/pwzweC>>. Acesso em: 30 jul. 2013.
- GONG, F.; LI. Seeking excellence in the move to a mass system: institutional responses of key chinese comprehensive universities. **Frontiers of Education in China**, v. 5, n. 4, p. 477-506, 2010.
- INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS. **Censo da educação superior 2012**: resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/GOhrh8>> Acesso em: 30 jul. 2015.

KINGLUN, N. Massification, bureaucratization and questing for “world-class” status: higher education in China since the mid-1990s. **International Journal of Educational Management**, v. 22 n. 6, p.547-564, 2008.

KIRKPATRICK, R.; ZHANG, Y. The negative influences of exam oriented education on Chinese high school students: backwash from classroom to child. **Language Testing in Asia**, v. 1, n. 3, p. 3645, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/nJUzYx>>. Acesso em: 30 ago. 2012.

LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo social: revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, Nov. p. 35-57, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/FV1iFM>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

LI, W. Family Background, Financial Constraints and Higher Education Attendance in China. **Economics of Education Review**, v. 26, n. 6, p. 724-734, 2007.

MACHADO, D. C.; GONZAGA, G. O impacto dos fatores familiares sobre a defasagem idade-série de crianças no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 4, dez. 2007.

MANSO, C. A.; BARRETO, F. A. F. D.; FRANCA, J. M. S. Bem-estar social, mercado de trabalho e o desequilíbrio regional brasileiro. **Estudos Econômicos**, v. 40, n. 2, p. 401-443, 2010.

MARTINS, C. B. O ensino superior brasileiro nos anos 90. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, mar. 2000.

MUTHANNA, A.; SANG, G. Undergraduate Chinese students’ perspectives on Gaokao examination: Strengths, weaknesses, and implications. **International Journal of Research Studies in Education**, v. 5, n. 2, p. 3-12, 2016.

OJALA, R. **Projetos de futuro de jovens universitários no Distrito Federal**: um estudo de caso. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

OLIVEIRA, M. M. As origens da educação no Brasil: da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 45, p. 945-958, out.-dez. 2004.

OLIVEN, A. C. Inclusion policies in the brazilian system of higher education: the public and the private sectors. **Journal of US-China Public Administration**, v. 9, n. 11, p. 1302-1310, Nov. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/edMOac>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

Romanelli, o. **História da educação no Brasil**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WANG, G-H. China's Higher Education Reform. **China Research Center**, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/9gKj5m>>.

WEIFANG, M. Address regarding first-class universities. **Chinese Education and Society**, v. 37, n. 6, p. 8-20, 2004.

WELLER, W. Redução das desigualdades de gênero e raça na Universidade de Brasília. In: DILVO, RISTOFF *et al.* (Orgs.). **Simpósio gênero e indicadores da educação superior brasileira**. Brasília: Inep, 2008, p. 153-176. Disponível em: <<http://goo.gl/zsPXTV>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

WELLER, W.; PFAFF, N. Transições entre o meio social de origem e o milieu acadêmico: discrepâncias no percurso de estudantes da Universidade de Brasília. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 18, p. 1-16, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/OBvOi7>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

YANG, P. Who gets more financial aid in China? A multilevel analysis. **International Journal of Educational Development**, v. 30, n. 6, p. 560-569, 2010.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CATANI, A. M.; GILIOLI, R. S. P. O. Prouni na encruzilhada: entre a cidadania e a privatização. **Linhas Críticas**, Brasília, n. 20, p. 55-68, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/RV8ruU>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

HU, R.; CHEN, G.; MAO, H. Taking stock of three years of expanded enrollment in higher education. **Chinese education and society**, v. 37, n. 1, p. 12-35, 2004.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA. **Estudo comparado sobre a juventude brasileira e chinesa**: dados preliminares do Brasil. Relatório de pesquisa. Brasília: 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/pshxi5>>. Acesso em: 30 maio 2013.

KIPNIS, A. Governing educational desire. **Culture, Politics and Schooling in China**, Chicago & London: The University of Chicago Press, 2011.

LAW, W-W. The Role of the State in Higher Education Reform: Mainland China and Taiwan. **Comparative Education Review**, v. 39, n. 3, p. 322-355, 1995.

NEVES, C. E. B.; RAIZER, L.; FACHINETTO, R. F. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 17, p. 124-157, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/nFxXQ6>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

OECD – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Higher Education – Finance and Quality. *In*: \_\_\_\_\_. **Governance in China**. Paris, p. 540-556, 2005.

SEGENREICH, S. C. D. ProUni e UAB como estratégias de EAD na expansão do ensino superior. **Pro-Posições**, Campinas, n. 2, p. 205-222, 2009. Disponível em <<http://goo.gl/8WctWh>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

XIANG, B.; SHEN, W. International student migration and social stratification in China. **International Journal of Educational Development**, v. 29, p. 513-522, 2009.

XIAOHAO, D. The Challenges Faced by Chinese Higher Education as It Expands in Scale. **Chinese Education and Society**, v. 37, n. 1, p. 36-53, 2004.

## ANEXO A

TABELA A.1  
**Brasil: escolaridade dos pais**  
 (Em %)

Escolaridade dos pais	Nenhum dos pais		Ambos os pais		Apenas um dos pais	
	Brasil	China	Brasil	China	Brasil	China
Analfabeto	99,5	98,0	0,1	0,6	0,5	2,0
Menos de 8 anos de escolaridade	85,0	94,1	3,5	1,2	15,0	5,9
Ensino fundamental	81,4	86,0	2,7	3,2	18,7	14,0
Ensino médio	45,7	38,9	17,7	35,2	54,5	61,1
Ensino superior	56,3	59,3	12,9	21,7	43,9	40,7
Pós-graduação	77,4	92,6	5,0	1,8	22,7	7,4
NR/NA	97,4	96,8	0,3	1,1	2,6	3,2

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

